

Ser sinal do amor materno de Deus

“Ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei” (1 Cor 13, 2b).

Leonardo Núñez de M Reis
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio
leonardo.reis@gmail.com

Embora as mulheres mereçam ser homenageadas todos os dias, a todo o instante, infelizmente, apenas lembramos de homenageá-las em datas específicas, como: Dia Internacional das Mulheres e Dia das Mães.

Mulheres, pessoas magníficas e singulares, que trazem em sua natureza a característica mais marcante do Deus-Amor: a energia que potencializa a geração da vida. Nelas a vida é tecida na mística do amor que só a mulher tem.

Percebemos que na história da sociedade, as mulheres, mesmo inúmeras vezes sem voz, nem direitos, possuem um papel “crucial” para o seu desenvolvimento e a sua harmonia. Na minha vida, também tive e tenho mulheres, que foram fundamentais na minha criação, na formação da minha personalidade e do meu caráter, e que viabilizaram as condições para que eu me tornasse a pessoa que eu sou hoje em dia. Sem o intuito de diminuir o valor e a importância das demais, gostaria de destacar duas dessas grandes mulheres da minha vida: minha mãe Bete e minha vó Lydia.

Mulheres fantásticas e indescritíveis, que me ensinaram o valor da vida, a vencer e que a felicidade não deve ser um momento de exceção em nossas vidas, e sim, uma constante. Aprendi que não importa quão grande seja o seu problema e o obstáculo a ser transposto, porque com cuidado, carinho e amor ele será superado e não será motivo para perder a esperança e a alegria de viver. Aprendi que quem ama permanece sempre firme ao lado, mesmo que isto lhe traga sofrimento, mas jamais sente pena, pois este sentimento aniquila a esperança e praticamente impede a pessoa de seguir em frente, de dar a volta por cima.

Nas limitações e imperfeições da minha mãe e da minha vó, pude crescer como pessoa. Pude experimentar concretamente o que é ser amado e a sensação de amar. Experimentei um amor que, devido à sua limitação, na maioria das vezes, não cobra nada em troca. Experimentei colos e abraços revigorantes que restauraram meu ânimo e minha confiança. Quando cometia erros, estes eram apontados, porém nunca foram capazes de diminuir o carinho e o amor delas por mim. Os erros não eram usados para ficar torturando a minha consciência, eram apontados como um aprendizado e elas sempre estavam ao meu lado me incentivando a não cometê-los mais.

Também aprendi que a maternidade é um re-gerar, um renovar a cada instante. Graças a elas, hoje entendo o que significa ser mãe e avó. Não entendi o significado dessas palavras por questões de

parentesco, nem culturais e nem por imposições. Aprendi tudo isso porque, mesmo através de suas limitações, elas foram sinais concretos do significado mais profundo do ser mãe e do ser avó, do viver o amor maternal. Se elas não fossem (e continuassem sendo) esses sinais, tanto elas quanto as palavras que as identificam (mãe e vó), não representariam algo na minha vida.

Assim também nós, como Igreja, devemos ser sinais concretos, a cada dia, do amor maternal de Deus. Temos o costume de nos autodenominar “mãe Igreja”, mas até que ponto estamos sendo essa mãe, esse amor materno no e para o mundo?

Por vezes nos pegamos com práticas e discursos muito endurecidos, fechados, frios e tão distantes das experiências do cuidado, do carinho, do afeto, do amor e do aconchego restaurador de um colo materno. Infelizmente, por vezes, ainda temos por prática essas atitudes de condenação, exclusão e indiferença perante nosso próximo, algo tão diferente de um olhar maternal. Entretanto, cada vez mais se faz necessário, resgatar a essência materna do ser Igreja oriunda de Deus.

Inspirados nessa perspectiva vamos fazer de nós, mãe Igreja, esse sinal do amor materno de Deus no mundo. Vamos ousar ouvir as necessidades do outro, acalentar no colo os que erraram, estar ao lado dos que sofrem, acolher nos braços mais os marginalizados, amamentar com atenção os mais necessitados e ser mais carinhosos. Vamos amar mais e excluir menos. Vamos resgatar a sensibilidade maternal no nosso agir.

“Ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei” (1 Cor 13, 2b). Ainda que sejamos chamados de mãe Igreja, se não agirmos concretamente desta forma, seremos como sal que perdeu seu sabor, que só serve para ser lançado fora (Mt 5, 13).

Inspirados na sensibilidade e no agir femininos, vamos assumir nossa maternidade no mundo, para que o mundo vivencie em nós o significado de ser mãe e, desta forma, tornemo-nos um sinal de Deus no mundo. Vamos ser esse canal capaz de potencializar a geração de novas vidas, de novos renascer, impulsionados por Deus Uno e Trino, comunidade de amor.

